

INTUITIO

PPGFil/UFGS | e-ISSN 1983-4012

DOI: <https://doi.org/10.36661/1983-4012.2024v17n2.14638>

SEÇÃO: Resenhas

SCHMITZ, Hermann. *New phenomenology: a brief introduction*. Intro. by Tonino Griffero. Translation by Rudolf Owen Mullan e Martin Bastert. Milão: Mimesis International, 2019. 181p.

Eduardo Adirbal Rosa¹

<https://orcid.org/0000-0002-1961-1296>

eduardo.rosa@acad.ufsm.br

A Fenomenologia é uma das abordagens que reabilitaram a Filosofia como empreendimento epistêmico, diante da crise de identidade que se abateu sobre a mesma no sec. XIX - resultante do declínio do sistema hegeliano e a crescente conquista de autonomia de diversas ciências empíricas². Ainda hoje, a Fenomenologia mantém-se como uma abordagem relevante, devido a seu renovado esforço para elucidar novas dimensões da experiência humana.

O ímpeto renovador aludido é ilustrado pela Nova Fenomenologia, vertente fundada pelo filósofo e professor alemão Hermann Schmitz (1928-2021)³, e apresentada em seu *New phenomenology: a brief introduction*. Embora Schmitz tenha produzido uma vasta obra, a recepção foi pouco amistosa por décadas no meio acadêmico, tendo somente despertado atenção em anos recentes. *New phenomenology: a brief introduction* é o primeiro livro do autor a ser traduzido para língua inglesa, sem edição em português.

Destaca-se, nesse sentido, que a obra é aberta com o estudo introdutório de Tonino Griffero (1958-...), filósofo italiano e professor na Universidade de Roma “Tor Vergata”, o qual

¹ Doutorando em Filosofia na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

² Sobre a crise de identidade e as tentativas de reabilitação da Filosofia no sec. XIX, conforme Beiser (2017, 29-64) e Schnadelbach (1991, p.117-137).

³ Hermann Schmitz lecionou no Instituto de Filosofia da Universidade de Kiel, de 1971-1993. Obteve doutorado em 1955 pela Universidade de Bonn, com tese sobre Goethe. A habilitação ao ensino universitário ocorreu em 1958, com tese sobre Hegel. Em 1992, foi criada a *Gesellschaft für Neue Phänomenologie* e, desde 2006, o Instituto de Filosofia da Universidade de Rostock possui a cátedra “Hermann Schmitz” de Filosofia Fenomenológica.

fornece um panorama geral, que antecipa o encontro com algumas das conceituações que serão apresentadas no decorrer da leitura. Estruturalmente, o livro constitui-se de sete 'horas' (lições), findando com um glossário, que apresenta a opção de tradução de termos do alemão ao inglês, além de breves notas explicativas. Como apontado no *Prefácio*, o objetivo geral do livro é introduzir o leitor nas principais linhas de pensamento da Nova Fenomenologia (NF), uma abordagem que, desconstruindo distorções histórico-filosóficas sedimentadas, abre a possibilidade de tematização e conceituação da experiência corporal em sua dimensão involuntária (SCHMITZ, 2019, p.43).

A primeira lição trata da ideia de Filosofia e da concepção da Nova Fenomenologia (SCHMITZ, 2019, p. 45-52). Schmitz define a Filosofia a título de reflexão sobre como o ser humano encontra-se em seu ambiente, recusando noções tradicionais de construção especulativa ou contemplação introspectiva. Sua concepção estabelece o caráter científico da Filosofia, amparada em sua natureza intersubjetiva, no trabalho de formulação de definições e descrições, e na resolução de problemas. Diferentemente das ciências empírico-estatísticas que resolvem problemas objetivos através da descoberta de fatos objetivos, fazendo uso de métodos de verificação, a Filosofia busca fatos objetivos para resolução de problemas subjetivos⁴, embora permaneça sempre aberta a novas clarificações e revisões intersubjetivas.

As questões filosóficas, portanto, são aquelas que afetam o ser humano em suas tentativas constantes de se encontrar em seu ambiente⁵, e são abordados desde uma revisão do método fenomenológico e uma nova noção de fenômeno. Para Schmitz, fenômeno é para alguém uma circunstância em determinado tempo na qual a pessoa não pode negar seriamente que seja um fato, no sentido de haver envolvimento afetivo. Esta noção de fenômeno tem duas características: a) dupla relativização (para alguém e em determinado tempo), que coloca a fenomenologia num perene processo de reconsideração e reexame comparativo, e distante de pretensões apodíticas, e b) como circunstância, amplia as noções

⁴ Os termos "subjetivo" e "objetivo" não referem-se a sujeitos e objetos, mas a significados, e indicam, respectivamente, envolvimento afetivo e fatos interpessoais.

⁵ Exemplos não exaustivos de questões filosóficas são: O que posso saber, fazer e esperar? O que me preocupa? O que se passa comigo? Como me encontro onde estou? O que posso realmente levar a sério? O que posso deixar de lado? Do que sou capaz? De onde tiro forças para continuar vivendo apesar da morte, culpa e sofrimento? Todas se resumem ao problema fundamental: o que devo tomar por verdade?

husserliana (coisas elas mesmas) e heideggeriana (o que se mostra)⁶, uma vez que algo aparece sempre relativo a perspectivas (como se mostra), permeadas pela linguagem utilizada e aspectos e pressupostos histórico-culturais.

O método fenomenológico, assim, é rearticulado para capturar a experiência espontânea da vida – o que acontece às pessoas sem elas terem projetado ou construído intencionalmente. O capítulo encerra com a avaliação de que a Fenomenologia é marcada por avanços e contratempos desde Husserl e Heidegger, sendo a NF um esforço de revisão da própria fenomenologia, a fim de que se possa elaborar conceitos cuidadosos e adequados o mais próximos possíveis da experiência involuntária da vida, de modo a também complementar os resultados das ciências empíricas e oferecer a elas novos fundamentos epistemológicos.

Na segunda lição, apresenta-se um exame das fontes que, até hoje, distorceram e encobriram a experiência involuntária da vida (SCHMITZ, 2019, p.53-60). Schmitz reconstitui criticamente o denominado paradigma filosófico ocidental, de traço psicologista, reducionista e introjecionista que exerce influência até hoje. As três fontes que articulam o paradigma são a filosofia grega clássica, a teologia medieval, e as ciências naturais. Este paradigma é responsável por sedimentar o modo distorcido do ser humano compreender a si mesmo e o mundo. O exame crítico das distorções visa dismantelar a compreensão sobre a existência de uma esfera fechada, psíquica e interna controlada pela razão.

Conforme Schmitz, já em Homero pode-se observar, da *Ilíada* para a *Odisseia*, a mudança de concepção do ser humano que, primeiro, não tem pleno controle de si e está exposto a influências dos deuses, para então autoempoderar-se e adquirir autocontrole. O autoempoderamento se consolidará até o séc. V a.C., com a *Psique* tornando-se uma esfera interna privada, que encapsula a experiência consciente. Simultaneamente, ocorre uma mudança na concepção de mundo. Até o sec. V a.C., filósofos concebiam o mundo como repleto de forças polares e duais (p. ex.: nos pré-socráticos), mas depois passam a teorizá-lo em entidades estáveis e invariantes (átomos, formas). Neste processo, o ser humano é dividido em corpo, material e controlável, e alma, força governante – aspectos tematizados no âmbito da necessidade de um controle racional das paixões.

⁶ Sobre a diferença entre a Antiga e Nova Fenomenologia, é instrutiva a leitura de Schmitz (2002).

Na teologia cristã, influenciada pela filosofia grega antiga, o mundo é concebido sob a onipotência divina, e a corporeidade espontânea e afetiva será alvo de educação e disciplinamento (como o desejo em Agostinho). Evidencia-se o abandono da mentalidade cristã primitiva sobre a existência de forças divinas externas (Espírito Santo em São Paulo), em prol da adesão ao paradigma de objetificação, psicologista, reducionista e introjecionista. No medievo tardio, são estabelecidas duas pré-condições básicas da modernidade: o singularismo formulado por Ockham (todo ente é em si, sem relações), e o constelacionismo (mundo como rede de indivíduos, passíveis de rearranjo). O resultado é a emergência na modernidade de um pensamento científico natural singularizador e objetificante do mundo, que fundamenta o controle técnico.

No alvorecer da época contemporânea, Fichte, Schlegel e Kierkegaard perguntaram ironicamente sobre como viver em um mundo objetivamente neutro, que não se mostra vinculado aos humanos. Tem-se com isso o início da 'Era da Ironia': os humanos, enredados nas tramas tecnológicas, creem deter o poder de escolher livremente entre as inúmeras possibilidades, mas apenas deslizam passivamente nas interconexões das redes técnicas. Em síntese, o paradigma filosófico ocidental gerou o controle de impulsos espontâneos e fundamentou uma concepção científica de mundo, mensurável e experimental, que também encobriu experiências humanas básicas, como o dinamismo sensório-corporal, as atmosferas, situações, espacialidades não geométricas, quasi-coisas, etc. – temas das lições seguintes.

A terceira lição apresenta a noção de “pessoa” desde os fundamentos pré-pessoais da autoconsciência e do dinamismo corporal (SCHMITZ, 2019, p. 61-72). Na argumentação do autor, toda pessoa é um sujeito consciente com capacidade para autoatribuição - ter responsabilidade, explicar-se, dar a si um lugar entre as pessoas e coisas -, no sentido de uma identificação de algo comigo mesmo. A autoatribuição se dá em uma autoconsciência na forma de envolvimento afetivo. A pessoa afetada sabe o que se passa consigo (p.ex., a dor que sinto é *minha* dor) como fatos subjetivos. Esse estar consciente fundado no envolvimento afetivo constitui a identidade absoluta: encontro a mim mesmo de forma pura – em experiências de hesitação, susto, dor, medo etc. Essa experiência radical e pouco costumeira dá acesso ao presente primitivo: a pessoa encontra-se consigo mesma.

A vinculação do encontrar-se a si mesmo com o presente primitivo se dá pelo impulso vital, eixo do dinamismo corporal. Valendo-se da distinção fenomenológica entre corpo físico-material (*Körper*) e corpo-sensório (*Leib*), Schmitz estabelece que neste último ocorrem impulsos que são autopercebidos, sem consideração aos cinco sentidos. Especialmente, apresentam-se no medo, dor, luxúria, fome, sede, cansaço e no envolvimento com emoções etc. O impulso vital é dinamicamente estruturado pelas tendências opostas de contração, enquanto tensão, e expansão, enquanto dilatação – bem como suas modalidades (contração privativa e expansão privativa), e das tendências protopática (mais opaca e difusa) e epicrítica (mais nítida e pontual). O impulso vital também permite a comunicação corporal, a qual pode ser via incorporação antagonística (atentar a um “parceiro”, seja pessoa ou objetos) com qualidades vinculantes, ou seja, sugestões motoras e qualidades intermodais sinestésicas, ou solidária (interconexão de impulsos entre indivíduos), mas também excorporação (absorção plena).

A fonte básica de uma subjetividade reside na vida do presente primitivo: pura presença do si mesmo que se sente corporalmente. Ao fim do capítulo, Schmitz retoma o tópico do paradigma filosófico ocidental, no intuito de demonstrar o equívoco em seus fundamentos psicologistas. Por psicologismo designa a experiência encapsulada em uma esfera interna e privada. Os psicologistas falharam em determinar adequadamente a relação entre o sujeito consciente com sua esfera interna privada, pois desconsideraram os fatos subjetivos e a dimensão do envolvimento afetivo, tentando mover-se somente na possibilidade de autoatribuição de fatos objetivos (identidade relativa). Uma vez que o fundamento da personalidade é a corporeidade, dinâmica e comunicativamente aberta, não há nenhuma esfera psíquica fechada. Há uma personalidade receptiva corporal, que articula uma situação pessoal e um mundo pessoal opostos a uma esfera estranha.

A quarta lição apresenta o conceito de “situação” junto ao desvelamento do presente primitivo no mundo (SCHMITZ, 2019, p.73-88). Schmitz discute uma noção de situação como totalidade internamente coerente, que difere de um exterior, e é constituída de significatividade difusa (articulada por circunstâncias, programas e problemas), anterior a qualquer singularização. Situações são englobantes e envolvem todas as capacidades motoras e suas execuções (ex. mastigação, conversação, luta etc). Podem ser de tipo impressiva ou segmentada, vigente ou estacionária. A vida no presente primitivo pode ser

transcendida desde uso da linguagem sentencial, pois ela permite que indivíduos isolem ou recombinem os elementos das situações.

O mundo emerge, assim, como campo de possibilidades de singularizações, de recombinações e rearranjos. Estando no mundo, a vida ocorre no presente desdobrado, ou seja, na diferenciação dos cinco elementos que estavam fundidos no presente primitivo: aqui, agora, ser, isto e eu. O “aqui” é o lugar absoluto, que se contrai diante do súbito acontecer do novo, desdobrando-se em um sistema de localizações relativas, mutuamente determinadas por posições e distâncias. O “agora”, momento absoluto do súbito acontecer do novo, desdobra-se em séries de momentos relativos, fazendo emergir uma matriz de eventos denominada de temporalidade relacional pura (articulada por antes, durante, depois ou por futuro, presente e passado). Outra temporalidade é a modal caracterizada pelo ser, não-ser-ainda e não-ser-mais. Ambas temporalidades se fundem gerando uma temporalidade relacional modal, onde reside o fluxo do tempo (constantemente, o passado cresce, o futuro encolhe, e o presente muda). O “ser” desdobra-se em um elemento aplicável a tudo sem diferença, desde justaposição ao não-ser em sua abrangência. No entanto, o ser não é atributo, propriedade ou critério das coisas a fim de que possam ser determinadas. O “isto”, enquanto identidade absoluta, complementa a identidade relativa de algo com algo, ou seja, disponibiliza classes, caracterizações e aspectos ao ser humano, o que permite reorganizar conjuntos de redes de constelações. O “eu” (sujeito consciente enredado nos fatos subjetivo do envolvimento afetivo) complementa a identidade absoluta tornando-se um sujeito singular, ao redor do qual uma esfera pessoal emerge contrastando com uma esfera estranha.

Na quinta lição são articuladas as noções de espacialidade sem superfície, emoções (*Gefühle*)⁷ como atmosferas e espacialidade corporal (SCHMITZ, 2019, p.89-110). Vigente desde a geometria grega, nas ciências e no senso comum, o espaço é quantitativo, um sistema de coordenadas com localizações, posições e distâncias, sendo o movimento, a mudança de localização, e o repouso, a permanência no local. A concepção geométrica encobre outros tipos de espacialidades, como os espaços sem superfície - o som, silêncio, vento, clima, movimentos corporais, água. Tais espacialidades possuem volumes dinâmicos

⁷ A tradução de “*Gefühle*” ao inglês opta por “*emotions*”, comumente traduzido ao português por “emoções”, mas o termo também pode ser traduzido por “sentimentos”.

com sugestões motoras, que se amparam na localização absoluta da corporeidade no ambiente.

Dois casos de espacialidade são apresentados com mais detalhes. A espacialidade da corporeidade sensória (*Leib*) é permeada de perturbações intermitentes e constituída de ilhas corporais, que dinamicamente emergem e submergem na experiência corporal. Ilhas corporais frequentes estão no peito, abdômen, região oral e anal, e nas solas dos pés. Embora repleto de ilhas, a corporeidade mantém-se unida através da contração do impulso vital, funcionando como oposição a tendência de expansão e como integrador das ilhas na unidade corpórea. A outra espacialidade é a das emoções como atmosferas. Atmosferas são caracterizadas como espaços sem superfície que englobam a região do que é experienciado como presente, no sentido de forças motoras espaciais que afetam a corporeidade, podendo ser acessíveis individualmente (alegria, vergonha, luto, desespero, etc) ou coletivamente (saudade de casa de um povo, pânico). Uma característica central das atmosferas é sua autoridade (poder normativo), influenciarem estados afetivos dos indivíduos que entram em seu campo de influência. O autor destaca que não se pode confundir a atmosfera com o sentimento atmosférico – a experiência de envolvimento afetivo corpóreo. Nestes termos, há modos variados de experiência com atmosferas, como a mera percepção sem envolvimento, a percepção que transita para o envolvimento, o ser envolvido que motiva reação emocional antagônica, etc.

Ontologicamente, as atmosferas são apreendidas desde a categoria de quasi-coisas, que se diferenciam em dois aspectos em relação as coisas plenas: 1) duração inconstante e intermitente, e 2) causalidade bipartite e imediata, composta por efeito e a conjunção de causa e influência. Exemplos notórios são a voz, vento, choque, dor, barulhos, melodias, ritmos, noite, tempo entediante e expectativa tensa. De forma específica, as atmosferas têm três camadas: a) puros humores, onde temos desespero e contentamento; b) puros estímulos, dotadas de direcionalidade (elevação, descensão, acima, abaixo, centrífugo, centrípeto); c) centradas tematicamente, confundidas frequentemente com emoções intencionais. A confusão ocorre por se falar da existência de um objeto intencional da emoção. Schmitz reelabora isso, usando a distinção oriunda da psicologia da Gestalt, entre região de densidade (de ou em algo) e ponto de ancoragem (sobre algo). Assim, respectivamente, a alegria de uma paisagem difere da alegria sobre o sucesso. O capítulo

finaliza argumentando sobre a importância de se liberar a afetividade do âmbito interno, uma vez que dimensões relevantes da vida são baseadas na autoridade das emoções, como a obediência às normas do direito (raiva, vergonha e senso de justiça), a vida moral (raiva, vergonha e culpa) e a religião (seriedade incondicional do divino).

A sexta lição aborda o tema do desenvolvimento da pessoa (SCHMITZ, 2019, p.111-122). A pessoa emerge do presente primitivo em função da singularização (auto-atribuição de identidades relativas) e da neutralização (neutralizar parcela dos sentidos até então subjetivos, o que faz surgir o alheio). A interação de singularização e neutralização é especialmente evidente no desapontamento, dado que nele há reelaboração dos sentidos vigentes em prol da possibilidade de assunção de novos papéis. Nessa perspectiva, a personalidade é a situação pessoal, ao invés de meramente algum traço de consciência. A situação pessoal altera-se no tempo, através dos processos de emancipação (competências de criticar, visão estratégica de meios-fins e avaliação imparcial) e regressão pessoal (processo de re-subjetificação, ou seja, retorno ao presente primitivo) e de explicação e implicação.

A situação pessoal não é um tipo de aprisionamento, mas o âmbito que alguém vive, num esforço contínuo de compreensão. Em contextos de escolha, a compreensão envolve atos da vontade, em duas fases: formação da intenção, enquanto questionamento que leva a compreensão daquilo que se quer, e realização da intenção, na qual se dá no envolvimento do impulso vital. A situação pessoal funda-se na disposição corporal, que especifica o impulso vital em suas tendências de contração e expansão. Impulsos fracos não colaboram para a incorporação de experiências para a situação pessoal, enquanto impulsos fortes permitem em variados modos: batmótico e dinâmico, e ciclótico e esquizótico.

O autor argumenta que o mundo pessoal é constituído por mundo pessoal idiossincrático e mundo pessoal alheio. O mundo idiossincrático abarca todos os sentidos que são subjetivos para alguém, enquanto que o mundo alheio engloba todos os sentidos que perderam traço subjetivo por serem neutralizados. De acordo com a relação entre os dois mundos, podem ser distinguidas três tipos de pessoas: extrovertidos (não há nítida distinção entre mundo próprio e mundo alheio), introvertidos (nitidamente dividem os dois mundos) e, os ultrovertidos (distinguem ambos mundos, mas transcendem o mundo próprio em uma postura de cuidado e compromisso com o mundo alheio). Em suma, a noção de

personalidade defendida pelo autor recusa concepções baseadas em uma interioridade privada, desde a ideia de alma até a de consciência – defendida de Descartes até Husserl.

Na última lição, Schmitz esboça uma resposta para a questão da liberdade humana (SCHMITZ, 2019, p.123-134). Considerada uma das mais importantes questões, pois trata de como os humanos vivem, da responsabilidade moral (ser responsável pelas ações e condição prévia da retribuição justificada) e do desejo de viver (ser o autor da própria vida para a realização da existência). Schmitz visa corrigir os equívocos das duas grandes vertentes que abordaram o problema da liberdade: o naturalismo, presente na filosofia analítica contemporânea, que representa o ser humano como um autômato sem responsabilidade própria, e do idealismo, que situa a liberdade no âmbito da faculdade da razão. Sua análise da liberdade parte de uma compreensão da consciência comum a respeito da responsabilidade moral, a fim de elaborar uma *gestalt* da liberdade. Em seu aspecto básico, o autor considera a liberdade como constituída de iniciativa própria (ser capaz de fazer ou não fazer algo), independência (a iniciativa parte do próprio agente) e capacidade de *accountability* (acompanhar as próprias ações com pensamentos enquanto se está envolvido em situações). Dentre outras noções, o autor especifica a de “escolha”, entendida como restrição comportamental consciente em relação as possibilidades disponíveis, e de “não ser capaz de escolher”, onde nesta, também somos moralmente responsáveis quando não escolhermos ao menos em duas possibilidades: descuido inconsciente (ausência de conhecimento a respeito de opções disponíveis) e ações espontâneas (reações imediatas ao perigo, com covardia ou bravura).

O problema principal com o naturalismo é a ausência de análise do conceito de “escolha” e a equalização do fato de que ‘o não poder agir de forma diferente’ é equalizado ao determinismo causal. Com isso, a visão naturalista nega a liberdade desde o determinismo causal que reside em última instância em processos cerebrais, ou abraçam o dilema entre determinismo (que anula a independência) e indeterminismo (que anula a iniciativa). Declara-se assim a liberdade como impossível ou adere-se ao compatibilismo, o qual também desconsidera a noção de “escolha”. A solução, sugere Schmitz, reside na auto-causação, ser causa de si mesmo, que não recorre a fatos objetivos ou à vontade livre. Assim, uma pessoa terá poder causal como agente, se houver uma vinculação íntima da pessoa que seja suficiente para ter iniciativa. A auto-causação é, portanto, encontrada nos fatos

subjetivos do envolvimento afetivo. Embora este tenha sido analisado como passivo, no sentido de sofrer a afecção de algo, uma pessoa somente é afetada se ela ‘envolve-se’ naquilo que a afeta, ativamente. O aspecto ativo é denominado de atitude. É com este traço ativo que a subjetividade do envolvimento afetivo é provocada. Eventos extremos (guerras, terremotos, acidentes graves etc) podem sobrecarregar os indivíduos até à paralisia emocional, fazendo com que nada os comova ou os envolva. Assim, a atitude é a causa ativa da subjetividade para a pessoa envolvida e também um fato subjetivo para ela. Com isso, é na atitude como iniciativa independente de alguém que se encontra a auto-causação nos fatos subjetivos. Em resumo, um ser humano é dotado de liberdade e moralmente responsável em virtude do poder de sua atitude, no sentido de motivar algo que não poderia ter ocorrido sem sua ação.

Embora sintética e densa, a obra *New phenomenology: a brief introduction*, de Schmitz, é uma boa exposição da filosofia neo-fenomenológica em sua pretensão de investigar a experiência involuntária. Leitores não familiarizados com a fenomenologia poderão usufruir bem da leitura, dado que o autor é feliz em apresentar conceitos de forma simples e com variados exemplos. Ao encerrar o livro, Schmitz aponta que as principais contribuições da NF consistem em liberar a experiência humana do paradigma objetivista, psicologista, reducionista e introjeccionista, e descrever a subjetividade a partir dos fatos e sentidos subjetivos, o que permite um enfretamento com a ‘Era da Ironia’ - marcada pela singularização, atomização e neutralização da experiência, que estabelece um hiato entre o ser humano e o mundo -, além de oferecer uma nova solução para o problema da liberdade (2019, p.134). Para além da auto avaliação de Schmitz, vale destacar que a noção de atmosfera tem recebido especial atenção da literatura filosófica contemporânea sobre a afetividade⁸.

Referências

BEISER, Frederick. *Depois de Hegel: a filosofia alemã de 1840 a 1900*. Trad. Gabriel Ferreira. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017.

GRIFFERO, Tonino. *Atmospheres: Aesthetics of Emotional Spaces*. Translation by Sarah De Sanctis. Farnham: Ashgate, 2014.

⁸ Em especial, a monografia *Atmospheres* (2014), de Griffero, serve de leitura instrutiva sobre a temática.

SCHMITZ, Hermann. *New phenomenology: a brief introduction*. Intro. by Tonino Griffero. Translation by Rudolf Owen Mullan e Martin Bastert. Milão: Mimesis International, 2019. 181p.

SCHMITZ, Hermann. Fenomenologia Antiga e Nova. *Veritas* (Porto Alegre), 47(1), 53–59. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2002.1.34852>. Acessado em: 13 de novembro de 2024.

SCHNADELBACH, Herbert. *Filosofía en Alemania (1831-1933)*. Traducción de Pepa Linares. Madrid: Cátedra, 1991. 285p.

Recebido em: 27/08/2024.

Aprovado em: 10/10/2024.

Publicado em: 03/12/2024